



A Nova Scientia Tentatur de Vico e a Filologia

*Eduardo Leite Neto**

Resumo: O objetivo deste trabalho se situa na exposição dos critérios abordados pelo filósofo Giambattista Vico (1668–1744) em atribuir à *filologia e filosofia* um caráter científico quanto às suas metodologias. O pensador napolitano encarava essas duas grandes ciências como valoradas a desvelar o aparato epistemológico da natureza humana. Dessa forma, a partir dos escritos de 1720–1722 (*De uno e o De constantia iurisprudentis*), envoltos às tratativas jurídicas no encaicho de uma fonte *jurisfilosófica* da humanidade, tece sua argumentação ao tratar do equânime direito das gentes e sua necessidade ao bem-estar das repúblicas. Entretanto, ao identificar as várias etimologias e as diversas passagens históricas que demarcaram a caminhada humana, concentra, a partir de então, sua busca ao entorno da natureza humana, porém, apoiando-se à constância da razão, isto é, da filosofia, e à autoridade marcada pela filologia em se debruçar na cronologia e nos costumes humanos. Portanto, é mediante esses pressupostos que o filósofo busca na filologia, uma nova *Scientia*.

Palavras-chave: Filosofia; Filologia; Giambattista Vico; Ciência; Científico.

La Nova Scientia Tentatur di Vico e la Filologia

Riassunto: L'obiettivo da questo lavoro è situato nella esposizione degli criteri abordato per il filosofo Giambattista Vico (1668-1744) in attribuire alla *filosofia e filologia* un carattere scientifico nelle sue metodologie. Il pensatore napoletano fissava queste due grandi scienze come apprezzate a svelare il comune struttura

* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Membro do grupo de extensão vinculado ao CEPFI (Centro de Estudos e Pesquisas Filosóficas e Interdisciplinares) da UFU, intitulado "O que estamos lendo?" Pesquisa a filologia envolta no pensamento de G. Vico e sua construção como compoendo uma metodologia científica. E-mail: eduardoneto886@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0732-7682>.

epistemologica alla natura umana. Così, a partire delle scritte del 1720-1722 (*De uno* e il *De constantia iurisprudensis*), involti alle trattative giuridiche nel incalzo di una fonte giurisfilosofica della umanità, scrive suo argomento al trattare del'equanime diritto delle genti, e la sua necessità al benessere delle repubbliche. Tuttavia, al identificare le varie etimologie e le diverse passaggi storici che delimitano il camminare umano, concentra d'allora in poi, la sua ricerca all'intorno della natura umana, nonostante basandosi alla costanza della ragione cioè della filosofia, alla autorità tracciata per la filologia in chinarsi nella cronologia e costumi umani. È per questo che mediante queste presupposti il filosofo cerca nella filologia, una nuova *Scientia*.

Parole-chiave: Filosofia; Filologia; Giambattista Vico; Scienza; Scientifico.

Introdução

Escrito em latim no ano de 1720, o *Direito Universal (De universi iuris uno principio et fine uno)*¹ conta com a aposta de Vico em suscitar o debate Jurisfilosófico ao entorno de uma equidade civil das nações. Com uma metodologia historiográfica recorre aos grandes feitos da história do direito, no intuito de refletir a natureza e a origem histórica da jurisprudência. Entretanto, é com a escrita do *De constantia iurisprudensis*²

¹ É preciso certificar ao leitor (a) que algumas citações inseridas neste artigo são traduções nossas, já que foram escritas em italiano, espanhol e latim. Algumas obras de Vico, como o *De uno*, *De antiquissima*, *De mente heroica*, *Scienza nuova* de 1725, tiveram o exercício da tradução para citá-las. Optamos por trabalhar com a tradução da *Scienza nuova* 1744 em português lusitano, porém, sem deixar de conferir no original, os termos, conceitos ou expressões que julgarmos serem necessários. Alguns comentadores do pensamento viquiano, como Andrea Battistini e Silvia Caianiello, tiveram fragmentos de seus trabalhos traduzidos por nós ao citá-los em nosso texto.

² Seguiremos o uso das abreviações às obras de Vico sugeridas pelo Centro di Studi Vichiani de 1996. Portanto, obras como o *De constantia* será ora utilizada a abreviatura *De const.*, assim como para as edições da obra magna do filósofo, a *Scienza Nuova*, usaremos *Sn* para a obra como um todo e acresceremos os anos de cada edição, como em *Sn25* e

em 1721, que a metodologia viquiana constitui de modo mais concreto sua finalidade. Apostilada como um segundo livro ao *De uno*, a obra de 1721 inaugura a reflexão viquiana por uma metodologia científica aos aparatos conceituais da filosofia e filologia, bem como uma articulação de um direito natural e um direito positivo (histórico), uma ligação do universal ao concreto, os princípios do mundo das "coisas humanas".

As concepções de Vico acerca do sentido da filologia tomam corpo na segunda parte do *De Constantia*, intitulado *De constantia philologiae*. Inicia com um pequeno proêmio sobre as fontes de tudo quanto é merecido conhecer pelo gênero humano, que são duas: *Intelecto* e *Vontade*. Sendo o gênero humano composto por intelecto e vontade, tudo que a ele conhece perpassa por essas duas fontes, e, neste sentido, dá o significado do "conhecível", que, para o filósofo napolitano, estabelece-se na necessidade da razão ou do arbítrio da autoridade. Desse modo, Vico condiciona para a filosofia a constância da *razão*, e entende que a filologia caminha pela constância da *autoridade*, pois, para ele, a autoridade é partícipe da razão. Nos *Estudos sobre o Diritto Universale* de Fabrizio Lomonaco, a constância toma parte nesta designação de Vico como uma virtude que dá ao *intelecto* e *vontade* aporte necessário para um sentido que faz versar sobre a filologia e a filosofia, fazendo presente neste enunciado:

A *constância* é principalmente uma *virtude* apta para incrementar a *coerência* de algo consigo mesmo e delimitar um âmbito de sentido no qual os componentes internos ao eu (*intelecto* e *vontade*, discutidos por Vico, *in*

Sn44; também usaremos das abreviaturas das obras *De antiquissima (De ant.)*, e *De mente heroica (De mente)*.

primis, com terminologia de claro matriz escolástico) podem interagir com apetites individuais e sociais, reduzindo progressivamente as margens de incerteza da vida humana e iniciando, com uma sabedoria que purga "a mente com verdades eterna" (DC, p. 348), o seu aperfeiçoamento (LOMONACO; 2018, p. 101-102).

Vico possuía a intenção de uma *Nova Scientia tentatur* que vinha a conciliar esta autoridade da filologia com a razão da filosofia na busca por uma equidade do Direito das gentes. Para ele, a filologia possui duas partes: *história das palavras* e *história das coisas*. Sendo uma disciplina clássica, cuja atenção se volta ao estudo dos discursos, construídos por palavras bem adornadas para um melhor desempenho do orador, e por sua transmissão na história dos povos enquanto nos passa sua origem e modificações, possui certa metodologia em organizá-las em línguas e períodos cronológicos contendo suas propriedades e usos.

Notas filológicas no *De constantia*

O filósofo napolitano compreende a descrição da filologia pelo próprio material de seu trabalho, isto é, correspondente às palavras como *caracteres*, identificando-a por se ocupar da história das

coisas. Essas "coisas" que Vico usa como nomenclatura, são os artefatos que estão presentes no mundo civil, que possibilitam notar o desenvolvimento das gentes, isto é, a *cronologia*, *epigrafia* e a *numismática*. Até então, Vico compreendia estes objetos como meios auxiliares, sendo amplos para os estudos filológicos. Com as edições da *Scienza nuova* de 1730 e 1744 esta compreensão se expande, no esforço humanista do filósofo em captar outros saberes das *studia humanitatis* para seu empreendimento, ou seja, estende a filologia ou a sua metodologia para outras formas do saber, o que fica claro nesta passagem da *Sn44*:

Esta dignidade, na sua segunda parte, define serem filólogos todos os gramáticos, historiadores, críticos, que se ocuparam da cognição das línguas e dos fatos dos povos, tanto em casa, como são os costumes e as leis, como fora, tal como são as guerras, as pazes, as alianças, as viagens, os comércios (*Sn44*, §139).

Sendo assim, podemos perceber aqui a ocupação do filólogo em seu campo de estudos: o ofício de relatar os feitos do gênero humano. Neste horizonte de trabalho, Vico concorda que todo o direito que a autoridade conferia aos filólogos, de tecerem comentários acerca das repúblicas, dos costumes, das leis e instituições civis, era atribuído ao esforço em que estes estudiosos se debruçaram sob a cronologia, epigrafia, etimologia e numismática,

tendo resultado na divulgação rigorosa dos testemunhos das antiguidades. Este esforço em se debruçar sob os textos antigos, seja de oradores, seja de poetas ou filósofos, em língua antiga douta ou vulgar, possui apenas uma única função para o filósofo napolitano: a interpretação das antigas leis e da religião para o florescimento das repúblicas (*De const.*; p. 249 - 250).

Destarte, propõe a criação de um *Programa Cronológico* (*De const.*, p. 250 - 251) que pudesse mensurar esses surgimentos das nações e das línguas doudas e vulgares, de seus respectivos costumes e suas transformações, para se compreender melhor a busca pelos *princípios da história das nações*. A partir da divisão dos tempos fundamentada por Varrão³, Vico estabelece seu sistema cronológico que será bastante útil no empreendimento da *Scienza Nuova*. Neste sentido, o filósofo crê na História como "testemunhos dos tempos" e, seguindo a divisão do filósofo latino, conta a História dentro de três idades: idade dos deuses, idade dos heróis e idade dos homens. Esta tríade histórica primeira formada no *De const.*, é maior formulada e mais elucidativa com a apresentação das *Annotazioni alla Tavola cronologica* (*Sn44*, §43) presente nas edições de 1730 e 1744 da *Sn*.

³ Marco Terêncio Varrão (116 a.C.–27 a.C.). Fora um importante filósofo e historiador romano que escreveu a obra *Rerum divinarum et humanarum*, a que Vico utiliza de sua noção de história baseada em três tempos do mundo. Obra essa que se perdeu e que se encontra doxografias nos textos de Censoriano, em sua obra *De die natalício*.

Portanto, como seria essa estrutura de uma tríade da História que cursa o mundo das nações?

Vico entende, a princípio, como idade dos deuses, um período ligado a ideia judaico-cristã da chamada *hipótese pós-diluviana*. Tal pensamento se baseia na dispersão dos filhos de Noé (Sem, Cam e Jafé) pelo mundo, e sua abnegação à religião de seu pai, que o filósofo atesta ser a única religião no estado das famílias, isto é, posterior ao estado de natureza daquela primeira queda humana pelo pecado original. O que proporcionou a constituição dessa primeira sociedade das famílias, foram os seguintes três pilares: a religião, os matrimônios e os sepultamentos (*Sn44*, §11-§12; §333).

Com estes pilares se configurou a partir da dispersão dos homens caídos e a sua projeção de um viver errante pelo mundo, por intermédio de uma natural socialização, como afirma Vico, foram levados a conviver entre si, e assim, estruturando esse estado de famílias da primeira queda. Se o pecado original comporta a condição de primeiro declínio do gênero humano, o dilúvio universal toma como segunda queda deste gênero o evento bíblico, em que o mundo fora inundado uma vez para poder (re) nascer através das águas. Assim, como expomos linhas acima, é na dispersão dos filhos de Noé que as nações gentias tomarão forma pelos seus descendentes.

A partir daí, corporifica-se a trajetória dos gentios na terra, em que iniciou aos caldeus os cultos mágicos, a confusão das línguas na Babilônia, às quatro dinastias egípcias (tebana, tinense, tanense, menfítica), o alfabeto fenício, e os primeiros assentamentos helênicos na Grécia. Por conseguinte, diante dessas provas acerca de um passado conturbado e fontes não tão exatas, aos gregos, e seguido por Vico, dá-se a idade dos deuses.

A segunda idade, chamada heroica, nos dá fatos mais palpáveis acerca de seu curso, e, mediante as ocorrências dos proto-comércios entre as antigas nações, nos ajuda a compreender o período transcorrido. Essa idade se baseia nos períodos de ascensão dos reinos assírios, das colônias ultramarinas helênicas, a fundação de Atenas por Teseu, a guerra de Troia, nascimento de Hesíodo e Homero, os Jogos Olímpicos de Hércules e, sobretudo, as lutas por territórios e o fim do nomadismo dos homens.

Ao que se segue, temos por fim a idade dos homens, assim descrita por Varrão: Que esta idade tem como início a criação de Roma em 3250 da fundação do mundo (*De const.*, p. 251), ou na VI Olimpíada, ou 430 anos da tomada de Troia. A idade dos homens demarca o florescimento da Física com Tales, das escolas filosóficas na magna Grécia, com Sócrates e seus discípulos — Platão, Xenofonte e Alcibíades, com o surgimento da História em verso e a

criação das leis das XII tábuas romana e encerrando até a segunda guerra púnica, da qual descreve Tito Lívio os fatos romanos.

Como podemos observar, os cursos históricos transcorridos nessas três idades nos demonstram uma categoria cara ao filósofo napolitano: a mitologia. Para ele, a potência por trás da etimologia em que **μύθος** (fábula, relato, fato) e **λογος** (estudo, razão), conferia uma relação entre os costumes dos povos antigos e a formação cosmogônica dos primeiros povoamentos que se tinha notícia (*Sn*44, §156; §904).

Quando constrói seu programa cronológico, o filósofo se depara com alguns pormenores acerca da mitologia, nas questões de pouca importância dada a ela pelos críticos na busca pelas transformações históricas dos gentios. Vico enxergava nas mitologias, portanto, uma possibilidade de observar os costumes e as organizações destes primeiros povos. Passando às considerações do filósofo na sua primeira edição da *Sn*, em que estabelece a necessidade de uma *nova arte crítica* se ocupando da busca pelos artefatos civis da antiguidade, fica claro o intento proposto no *De const.* em relação às questões mitológicas:

E esta Ciência pode fornecer uma arte crítica sobre os autores das nações mesmas, que dá as regras de discernir o verdadeiro em todas as histórias gentilescas, que seus começos

bárbaros o transmitiram tanto mais, tanto menos, por fábulas (*Sn25*; p. 207)⁴.

É nesta concepção dos costumes antigos mediante as mitologias, que o filósofo centrou sua busca por esses heróis fundadores das nações. No frontispício da *Scienza Nuova* (*Sn44*, §3), a figura de Hércules, contemplado naquele episódio acerca do leão de Nemeia, relata a morte do leão pelas mãos do herói grego, que, ao matá-lo, vê vomitando fogo por toda selva nemeia e, em seguida, se adorna com a pele do leão morto como espólio, e assim, é elevado aos céus. Aqui, pela interpretação de Vico, o episódio de ascensão do herói por essa batalha, é a metáfora para a grande selva da terra que Hércules, considerado como um universal fantástico dos heróis fundadores das nações, transformou os campos selváticos em cultiváveis, representando o princípio temporal para os gregos. E em reconhecimento a salvação dos nemeus frente ao leão, é instaurada as olimpíadas com os seus jogos, a qual se tem como fundador o próprio Hércules, por homenagem destes nemeus ao herói, festejando a liberdade sobre a fera leonina.

Tal conjectura, sustenta o filósofo, fora marco da contagem dos tempos para os gregos, desde que iniciou os cultivos dos campos, concordando que sua origem cronológica se dera pela

⁴ Cf. *Sn44*, §7

agricultura. Hércules, portanto, é considerado pelo filósofo napolitano como um caractere de *herói político*, por estabelecer um dos princípios do mundo civil: à terra ou propriedade. Propriedade essa que cultivada fornece alimento e abrigo aos homens das primeiras cidades. Sobre a concepção heroica e o universal fantástico, temos o comentário de Andrea Battistini, que nos traz luz ao argumento:

Hércules, portanto, é o caractere poético, isto é, o universal fantástico das virtudes civis expressadas pela força dos heróis; é uma figura que nasce porque os primeiros homens não sendo capazes de abstrair, não tendo a possibilidade de formular um conceito de força e laboriosidade, assinaram a um ser, que chamaram Hércules, todas as tarefas elaboradas por muitos homens diversos pertencentes a uma espécie heroica [...] (BATTISTINI; 2017, p. 76).

Se Hércules é atribuído como figura do herói político que marca o início do mundo civil grego, nesta idade heroica, Vico denomina outra concepção de herói: o *herói das guerras*. Enquanto o herói político se ocupa dos estamentos civis, das formulações das cidades, o enfrentar a natureza para sobrevivência dos homens, os heróis das guerras estão situados mais à frente na cronologia heroica, e são marca expressiva dessa concepção os heróis homéricos, sobretudo, Aquiles e Odisseu.

Estes heróis representam os períodos das colônias ultramarinas gregas, o embate dos aqueus e troianos, e as viagens punitivas de Odisseu por todas essas colônias. Assim, temos definidos os dois modelos de heróis da idade heroica, da qual podemos observar uma mudança drástica da mentalidade heroica desses personagens, como nos auxilia uma vez mais Battistini:

Antes da homérica, a idade heroica foi contada por Hesíodo em *Os trabalhos e os dias*, consistindo, sem indulgência alguma com o idílio bucólico, em cortar os bosques para reduzir as terras a cultivo. Por isso Hércules, "com quem culmina o tempo heroico da Grécia, é a figura representativa dos povos sob aspectos dos trabalhos" (*Sn44*, §82), um artífice de uma radical mudança das relações de natureza. (BATTISTINI; 2017, p. 74).

O heroísmo tem, para Vico, peso conceitual que dá aos seus argumentos sobre a História, Linguagem e até aos discursos pedagógicos, um caráter imagético e hermenêutico para exprimir suas ideias, como bem o faz com sua récita ao entorno da *mente heroica*. Escrita em 1732 como apresentação ao novo ano letivo que se iniciava, o filósofo discursa aos jovens estudantes da universidade em que leciona, com o intuito de apresentar aos alunos todas as benesses do bem aproveitar a oportunidade dos estudos, descreve a partir de um aspecto heroico aos personagens históricos, os grandes feitos das ciências e suas boas aplicações na vida humana.

Neste sentido, evoca os heróis dos poetas, dos filósofos e àqueles que se dedicaram às letras como "bons cristãos", como ponto de partida de sua exortação às ciências e ao engenho dos jovens. Como bom professor que se dedica à formação de seus alunos, o pensador napolitano descreve aos estudantes que seu anseio frente aos estudos da juventude universitária, devesse "esperar algo de maior presença" (*De mente.*; p. 462), ou seja, de acordo com cada natureza dos estudos em que esses jovens estivessem inseridos, que chegassem ao ápice do melhor desenvolvimento de suas carreiras.

Enquanto professor, Vico interessou-se muitíssimo pelo progresso dos jovens e, para os desenganar e proteger dos enganos dos falsos doutores, nunca se importou de atrair a inimizade dos doutos de profissão. Nunca discorreu sobre os assuntos da retórica sem a relacionar com a sabedoria, dizendo que a retórica não é mais do que a sabedoria que fala, e por isso a sua cátedra era aquela que devia dirigir os engenhos e torná-los universais, pois enquanto as outras cátedras atendiam às partes do saber, a sua devia ensinar o saber na totalidade, em que as partes correspondem entre si e estão de acordo com o todo. Pelo que discorria sobre qualquer matéria que dissesse respeito à retórica de um modo tal que essa parecesse animada, como que por espírito, por todas as ciências que com ela se relacionassem (VICO; 2017, p. 194 -195).

Prontamente, o elemento heroico é demarcado quando evoca aos alunos uma busca de esforço hercúleo, principalmente nos estudos literários, para descobrirem sua mente heroica, contribuindo a serviço da felicidade do *gênero humano*, tendo em vista o caminhar pelas virtudes, e o fugir dos vícios. Para assim, elevar o bem-estar da humanidade, tudo isso mediante às ciências estudadas e praticadas por esses jovens. Seguindo neste caminho, quando se aperfeiçoa os estudos mediante o voltar-se aos saberes literários, esses alunos desvelam o heroísmo em sua mente, de modo que tal como os poetas imaginaram os heróis de suas narrativas como pertencendo eles a uma estirpe divina, e através dos seus feitos, destacando-os no transcurso dos tempos, refletindo uma sublimidade heroica.

Em efeito, para os filósofos o herói se define como "quem anseia o sublime". Contudo, para eles mesmos o sublime é o seguinte, ambas coisas ótimas e máximas: sobre a natureza, Deus; e na natureza essa integridade de presságios, em que nada há maior que o gênero humano, em nada, portanto, melhor que a felicidade do gênero humano, a única à que apenas os heróis atendem com exclusividade, aqueles que amplamente divulgada a fama de seus méritos para com o gênero humano, fama mediante a qual, com voz ressoante através de povos e nações, Cícero descreve elegantemente a glória, engendrada a imortalidade de seu nome (*De mente*; p. 462).

Essa importante aportação que o filósofo estabelece entre o heroísmo e o sublime, neste discurso, nos dá uma conotação diversa àquela empregada pelo pensador frente aos caracteres da idade heroica, ou seja, o que desejamos apontar é que Vico atribui também à razão um heroísmo quando dos efeitos proporcionados por uma mente que exerce uma prática científica, que fixa um saber novo ou uma nova ciência, no quadro histórico do pensamento humano (*De mente.*; p. 468 - 469).

Por conseguinte, ao aconselhar os jovens, na prática de seus estudos, que eles não se debruçassem em uma única disciplina em sua formação científica, e para isso, evoca Sócrates (*De mente*; p. 464), que descreveu ser a ciência, o saber humano, equivalente à natureza das virtudes: devendo ela ser exercida não apenas numa única virtude, afinal, o filósofo grego negava que existisse apenas uma verdade, salvo que em uma virtude, concorressem com as demais. Assim, esse discurso de Vico, parece-nos assinalar aos pressupostos contidos no *De rat.*, em relação à utilização da tópica nos estudos precedidos ante a crítica, de forma que os alunos percorressem os "lugares dos discursos científicos" em seus estudos, para não se tornarem dogmáticos e fixados em apenas um modo de pensamento. Assim, fica evidente uma evocação às marcas filológicas neste discurso, quando o filósofo assinala sua preocupação à formação dos jovens não apenas nos estudos

literários, mas nos outros saberes que comportam a ciência humana. De fato, é nos estudos da *história* e das *línguas*, que Vico procura despertar nos jovens a inclinação ao conhecimento e as práticas científicas.

Iniciai uma conversa com os mais preclaros da história universal com os estudos das línguas que nossa religião cristã cultiva como próprias: a mais antiga com os hebreus, a mais elegante com os gregos e a mais agrupada de majestade com os latinos. E sendo as línguas quase como veículos naturais dos costumes, com as orientais, que são necessárias para a apreensão da língua sagrada, como ante a todas, a caldeia, os assírios, as imbuíram de sua magnificência na maior cidade, Babilônia, os gregos da elegância da vida ática em Athenas, os latinos de sua altura à vista de Roma. Assiste, com a lição da história, aos maiores impérios do orbe terrestre, que alguma vez floresceram, e para dar firmeza a vossa prudência civil mediante exemplos, meçais as origens, crescimento, consolidação, decadência e morte dos povos e gentes [...] (*De mente*; p. 465).

Ao rememorar o caráter heroico de Hércules, o filósofo napolitano deixa claro que a imagem do herói helênico é a figura "primária" do heroísmo, devido às atribuições inseridas pelos poetas, que por suas características em vislumbrar de seus personagens, paixões que se estendem uniformemente a todos os seres humanos, observando neles os caracteres comuns a todo o gênero da vida,

desde a categoria moral, passando a familiar e chegando à civil, para alcançar um ideário mais verdadeiro acerca dos homens.

Por outro lado, quando se observa os caracteres dos homens vulgares, isto é, os não heróis, vendo que em suas vidas não há uma manutenção de suas condutas, estes estão mais inclinados a enveredarem no falso. Conquanto, o enxergar as ações dos personagens heroicos nas fábulas dos mais renomados poetas, pode-se observar todo o aparato das paixões presentes na natureza humana, que até numa narrativa mais bruta, preserva um olhar da mente divina mediante sua providência, que ordena e executa o transcurso dos seres humanos.

Depois dos poetas mais ilustres, cheios do enorme prazer, assim como arrebatados por tão grande admiração, lede aos sublimes oradores, que com admirável arte acomodada à natureza humana, impulsam a querer coisas absolutamente contrárias aos ânimos obstinados, tanto como se queira, pelas paixões que desde o corpo se promovem: o que, por demais, apenas cumpre Deus Ótimo Máximo, mais por suas vias divinas, imensamente opostas, das ajudas vitoriosas, pelas que arrasta para si mesmo com prazer celestial as mentes dos homens, imobilizados quanto se queira pelas paixões terrestres (*De mente*; p. 466).

Para concluir, exulta o filósofo aos jovens que a grande oportunidade de serem lembrados como sublimes e heroicos, está em aproveitar deste momento de estudos, para buscarem projetos e

novos saberes, que promovam o bem-estar e a felicidade da sociedade humana, haja vista que as invenções e as ciências não se fecharam aos inventos de seus tempos e que, ainda, há muitas coisas para descobrirem e construir:

Não perdeis o ânimo, generosos ouvintes: restam ainda coisas inumeráveis, e talvez maiores que estas que enumeramos. Pois, no grande seio da natureza, no grande empório das artes, se encontram ainda disponíveis enormes bens proveitosos para o gênero humano, que até agora jazem inadvertidos, porque ainda não lhes prestaram atenção uma mente heroica (*De mente*; p. 469).

Voltando às considerações do *De const.*, baseada na colocação de Vico ao entorno dos costumes da antiguidade imbuídos nas fábulas, "Por que consideraram a mitologia estéril até hoje, como a primeira história das coisas?" (*De const.*; p. 253). Assim como relatamos páginas acima, o filósofo observa que os doutos não consideravam até o seu tempo, os costumes das antigas nações e as características de suas divindades que estavam interligadas em fábulas e em um εθος (hábitos/costumes) dos povos que os cultuavam.

Mas a mitologia desta idade fabulosa não levou em consideração até agora tanto costumes e repúblicas desta idade fabulosa como a natureza dos deuses envolta em fábulas, de modo que as coisas divinas fossem ignotas para o vulgo: por isso, pensamos que

bem merece alguma justificação se, depois do largo transcurso dos séculos, é a mesma tão incerta, volúvel e totalmente estéril (*De const.*; p. 253).

O filósofo napolitano identifica, assim, grande confluência nos processos mitológicos/históricos dos antigos gregos em relação às suas transformações de realidade, desde a sociedade das famílias às formações das repúblicas (*De const.*; p. 254), como foi registrado primeiro pela oralidade e em seguida pela escrita. A questão da oralidade ganha peso argumentativo quando observamos a situação do nascimento da poesia na linha cronológica gentia. Vico considera que há um juízo sobre o nascimento da poesia e de seu mecanismo: a locução poética⁵. Segundo sua concepção, o erro dos críticos ao entorno da poesia seria de atestar seu nascimento por convenção, e seguindo também por convenção, uma linguagem vulgar⁶. Julgou que até então os poetas se expressavam mediante um "engenho divino", algo de peculiar, de extraordinário, que lhe faziam expor as fábulas criando uma linguagem própria.

⁵ Sobre a locução poética e seus aparatos, Vico desenvolve melhor seu argumento na *Sn44*, no livro II, sessão segunda, capítulo IV.

⁶ Podemos perceber que a oposição do filósofo estava firmada ante a aristotélica proposição descrita na *Poética*, em observar que os poetas da antiguidade acreditavam que a linguagem bem como a poesia, era estratificada mediante a convenção dos sábios. É de modo contrário que Vico acredita na formação da linguagem e sobretudo da poesia, por isso, recorre sempre ao *Crátilo* de Platão, em que afirmava um processo natural à formação do falar humano. Sobre a convenção linguística, diz Aristóteles: "São as seguintes as partes da linguagem: letra, sílaba, conectivo, articulação, nome, verbo, artigo, flexão e frase" (ARISTÓTELES; 2004, p. 61).

Sendo assim, o filósofo chega a duas conclusões acerca dessa reflexão: a primeira conclusão tomando como ponto e partida a locução poética de Homero, isto é, a capacidade que o poeta helênico deteve em desenvolver suas narrativas em um período, segundo Vico, de uma constante "rudez de filosofia", um período de guerras, interpretações divinas e a expansão dos ditos heróis pelo mundo conhecido, fez com que o poeta fosse considerado por sua desenvoltura singular, o "progenitor dos poetas". Diante disso, Vico reflete e se pergunta como depois de a humanidade estar imersa na arte e na filosofia, não houvesse ninguém que o seguiu no transcurso dos séculos? (*De const.*; p. 254).

A essa pergunta o filósofo se depara com a questão dos dilúvios nos tempos obscuros da antiguidade da qual é uma das bases de seu programa cronológico, já exposto acima. Na situação de Homero, Vico pressupõe que a transmissão da locução poética homérica ou a sabedoria antediluviana, se conservou mediante os povos gregos que se salvaram de seu dilúvio (ou como o filósofo coloca, seus "dilúvios particulares") e instalaram moradas por cima dos montes.

Chegando a segunda conclusão, Vico nos evidencia a infertilidade dos poetas nos testemunhos diretos dos costumes comuns da idade heroica. Pois, se aos poetas suas invenções e locuções poéticas advinham de uma natureza peculiar e sendo as

línguas os testemunhos das coisas humanas, logo, esses poetas não poderiam testemunhar tais costumes das repúblicas por toda a idade heroica. O que o filósofo tenta nos descrever, seria uma dificuldade de estabelecer para a idade heroica um princípio que atestasse concretude entre os poetas e as passagens históricas dessa idade, assim como coloca Vico, muitos pensadores notáveis, como Platão, utilizaram dos poetas como testemunhos da mais tenra antiguidade em suas obras.

Sobre os princípios da idade histórica suas fontes são tão enevoadas quanto às idades divina e heroica, pelo menos nos trechos desta segunda parte do *De const.*, onde um dos pilares da reflexão de Vico versa nas concepções acerca da autoridade filológica na razão filosófica, e com isso, chegando às concepções da História na busca pela equidade do direito das gentes. Um dos exemplos destes poucos princípios dessa idade a que o filósofo evoca, são as ruínas espalhadas daquele mundo antigo, que, por sorte, poderia identificar algumas passagens temporais, como, por exemplo, a conquista de Tanais, que saindo da Cítia, conquistou grande parte do Oriente médio e o Egito. Há também o exemplo do faraó Sesóstris, que de modo contrário, ergueu-se sob o Oriente derrotado (não mais posse dos citas) e grande parte da África e Europa. Esses exemplos podem ser atestados nas obras de Heródoto, "que viu monumentos espalhados pela Ásia, e ambos, como Hércules, não trouxeram de

volta de sua pátria nada salvo à glória pelo mundo conquistado" (*De const.*; p. 255).

Nesta linha argumentativa, observa-se também que os romanos, apenas se deram a conhecer outros povos à medida que estes se digladiavam com as comunidades estrangeiras, seja no modo de uma expansão territorial, seja da parte vingativa a ataques externos, cujas penas estabeleciam pelo cativo e a escravidão. Por esse costume, Vico nos demonstra o quão prolongado fora essas atitudes das primeiras gentes, elevada no mundo com o fundamento das cidades, da condição de viverem isoladas umas das outras sem nenhuma comunicação. Seguidamente temos o exemplo de tal costume nas guerras samnitas e pírricas, nas conquistas romanas do sul da península itálica.

Essas guerras foram travadas 475 anos depois da fundação de Roma, e consta que os romanos nada sabiam dos samnitas, pois, como nos expõe o Historiador Pierre Grimal, "Essas populações não eram da mesma raça dos romanos. Falavam outra língua, parente do latim, mais 'prima' de que 'irmã'. Não haviam conhecido no mesmo grau que os romanos a influência da civilização etrusca e do comércio marítimo" (Grimal; 2010, p. 50).

Quanto às guerras pírricas, por injúrias e desunião das últimas cidades helênicas da Magna Grécia, Tarento, não se dava bem com

suas vizinhas, principalmente com Thurium, que após ser ameaçada por outros povos, recorreu por ajuda a Roma, que aproveitou para tomar o sul itálico. Tarento atacou os navios romanos, porém, não refletiram suas ações, e por medo, convocaram um soldado profissional, Pirro, rei de Épiro. Por sua ganância não obteve êxito nos acordos de paz com Roma, e, após convite da Sicília para lutar contra os cartagineses, abandonou a pugna, e assim,

Pirro foi vencido em Benevento e, desalentado, abandonou definitivamente a Itália. Alguns anos mais tarde em 227 a.C, Tarento capitulava. Dali em diante, Roma foi senhora de toda a península italiana, até a ponta da "bota" (Grimal; 2010 p. 55).

Isso nos lança ao argumento proposto por Vico acerca dos princípios da História gentilesca diante da sua tríade temporal: sobre a ignorância dos antigos povos em relação à sua antiguidade e o conhecimento sobre as demais nações. Assim como ocorre com a estruturação do sentido da filologia, essa noção acerca da ignorância fronteiriça desses antigos gentios forma corpo no *De constantia philologiae* e se constitui nas três edições da *Scienza Nova*.

Com a finalidade de avaliar tal argumento, o filósofo napolitano observa a princípio os povos helênicos, que, ao discutirem sua antiguidade com os egípcios, propondo serem os

fundadores da humanidade, gracejam com o mote que "os gregos são sempre crianças" (*De const.*; p. 255-256), ou seja, que tanto a antiguidade grega, quanto os épicos homéricos e a ascensão do poeta grego, são recentes comparadas às outras culturas do Oriente médio, isso se exemplifica principalmente no relato poético mais antigo de que tivemos notícia, o épico de Gilgamesh, relatada na antiga escritura cuneiforme (datada do século XXVII a. C), que narra a vida de um semideus (Gilgamesh), que após o dilúvio universal, reina na cidade de Uruk (Mesopotâmia), e por conta das várias condutas despóticas, é condenado pelos deuses a cumprir certas missões para receber o seu perdão.

Os relatos (organizados por último mediante o poeta Sin-léqi-unnínni) sobre essa poesia estavam perdidos desde o século II a. C., sendo encontrados séculos depois, pelo assiriólogo, George Smith, em 1872. Com este exemplo, podemos conceber que a composição homérica não estaria tão longe da constituição do mundo civil grego, e, convém aqui, esboçarmos algumas tratativas em relação à questão da antiguidade gentia que esbarram nessa reflexão ao entorno de Homero. Portanto, a escolha por Homero nas suas investigações ao entorno da antiguidade gentil, provavelmente estaria baseada na disposição dos textos homéricos, e na percepção em captar das paixões humanas nos épicos do poeta grego, articulações que

contribuem a composição do quadro mental humano e tal como no direito romano, é uma moldura exemplar das instituições civis.

Na *Scienza Nuova prima*, Vico nos apresenta três provas acerca deste argumento, "duas de Homero, primeiro autor grego e pai de toda erudição grega" (*Sn25*; p. 182). A primeira prova se baseia numa confissão pública de todos os povos helênicos que desconheciam sua pátria e, desejavam serem cidadãos, apesar de que sobre Esmirna⁷, permaneceu por longo tempo essa demanda. Para a segunda prova tem as considerações acerca da idade de Homero, com as afirmações dos filólogos entorno de uma lacuna de quatrocentos e sessenta anos entre a guerra de Troia e seu nascimento, e seus opositores o colocavam nos tempos do rei Numa. E, assim, muitas coisas importantes foram ignoradas acerca do poeta grego pelos críticos, para além da clássica questão da cronologia do pós-guerra de Troia, Vico levanta considerações importantes que culminaram no espaço dedicado somente ao poeta nas últimas edições da *Scienza Nuova: Da descoberta do verdadeiro Homero* (*Sn44*, §780). Já nas *Annotazioni*, Vico versa sobre esses dois problemas sobre Homero (*Sn44*; §89), no intuito de expor ao leitor a construção argumentativa presente na obra. Expõe acerca de duas

⁷ Hoje conhecida como Izmir (em turco), fora uma cidade de cultura helênica construída no terceiro milênio a.C, situada na costa oeste do Mar Egeu. No período da democracia grega, os governantes de Esmirna confeccionavam cartas à Athenas com o intuito de serem considerada por esta, uma *polis* comandada por Athenas.

contradições iniciais em que atesta descrições diferentes para o Olimpo na *Ilíada* e na *Odisseia*; e versa sobre a presença do poeta no Egito e na Fenícia. A terceira e última prova deste argumento, é o testemunho de Tucídides, Historiador grego que segundo Vico, nos atestou terem os seus pais não possuído nenhum conhecimento acerca de sua antiguidade, o qual nas *Annotazioni* nos é mais bem evidenciado, sobre Tucídides,

O qual era jovem no tempo em que Heródoto era velho, tanto que podia ser seu pai, e vive no tempo mais luminoso da Grécia, que foi aquele da guerra do Peloponeso, de que foi contemporâneo e, por isso, para escrever coisas verdadeiras, escreveu a *História*; por quem foi dito que os Gregos, até seu pai, que era aquele de Heródoto, nada souberam das suas próprias antiguidades (*Sn44*, §101).

Portanto, acerca de tal ignorância dentre os primeiros povos gentios, podemos concluir que ao largo de séculos essas nações mantiveram muito de sua primeira selvageria e, em consequência se preservaram em seus limites, e apenas ultrapassavam seus terrenos quando para proteger os seus concidadãos das invasões externas ou por vingança.

O erro dos filólogos

Como podemos perceber até aqui, Vico nos propõe um exame eficaz acerca da *Historia verborum* e *Historia rerum*, com a finalidade de atestar a razão filosófica sobre a autoridade da filologia. Neste sentido, enxergamos aqui, um *quid* de empiria, cuja observação e experimentação (no caso a leitura e a comparação de textos) nos demarca o desejo de atribuir ao trabalho filológico como algo versado em uma crítica científica. Algo que fora marca na modernidade e tendo pensadores como Giuseppe Scaligero, um dos autores que pensaram essa convertibilidade filológica como método científico, como explica Silvia Caianiello:

[...] sobretudo porque é próprio na idade moderna, já com Giuseppe Giusto Scaligero – a quem se deve entre outros a primeira lúcida clarificação do objetivo de uma crítica científica, dotada de um método e fundada sob a razão – o exame do contexto, e a investigação sobre a *realia* por essa necessária, não aparece mais anaclítica à comparação do texto literário, mas em vez disso, são os textos por assumir, por assim dizer, um significado informativo a respeito dos *contextos*, e o interesse histórico vem em primeiro plano como objetivo da história da filologia (CAIANIELLO; 2003, p. 140-141).

Desse modo, para chegar a uma definição concreta de crítica científica, isto é, uma argumentação com todo o bojo conceitual denominada *Scientia*, Vico precisava primeiro de avaliar todo

arcabouço filológico desenvolvido no *De const.*, e, assim, configurar conceitos para o intento filosófico na *Sn*. A partir daí, define certos erros dos críticos e filólogos que impediam o avanço do projeto de principiar uma natureza comum das nações. Uma das preocupações do pensador napolitano imersa nesse ambiente filológico, baseava-se nas etimologias das palavras, sobretudo as gregas e as latinas. No *De constantia*, estabelece dois argumentos para o problema da "insolvência da etimologia". Segundo sua colocação, até os seus dias havia demasiado desencontro entre as pesquisas etimológicas e as verdadeiras origens das palavras e das letras. Atribui esse desencontro às afirmações de muitos filólogos acerca do identificar semelhanças fonéticas por sua sílaba ou letra e, com isso, julgando descobertas as origens das palavras.

[...] por exemplo, as latinas, a partir da língua grega ou hebraica ou alguma outra muito distante, sem ter advertido nas palavras necessariamente, foram por natureza as primeiras a nascer entre os latinos, que nenhuma palavra tem nada em comum nem talvez com as gregas mais próximas: nem os pronomes, nem as interjeições, de modo que latinos e gregos manifestam o temor ou a dor, e fariam brotar a alegria, a admiração ou os afetos semelhantes, os mais emotivos, de uma forma oral distinta. Pois os gramáticos contam a palavra "**Δίος**" entre as palavras novas dos gregos (*De const.*; p. 257).

Por conseguinte, o filósofo napolitano nos indaga sobre o porquê da filosofia e filologia estarem alheios um do outro em suas investigações. Com um trabalho pormenorizado das obras precedentes à *Scienza Nuova*, Lomonaco nos complementa acerca desse problema que o filósofo napolitano enxergou em suas reflexões e, sobre os trabalhos isolados entre filosofia e filologia, comenta:

Vico constata, além disso, que os estudiosos haviam separado a filosofia e a filologia, considerando-as disciplinas de "natureza diversa" e em "perpétuo contraste", como se a *actoritas* não fizesse parte da *ratio*, como se as "palavras da lei" dependessem só do capricho, não existindo nelas nenhuma *ratio* [...] Trata-se, por sua vez, do reconhecimento pela filosofia das prerrogativas dos "*placita humani arbitrii*" e dos "*necessaria naturae*" pela demasiadamente humana filologia, que precede a filosofia enquanto "nova *Arte crítica*" (como depois se lê na "Explicação da Pintura" que introduz a *Scienza Nuova*) (*SN30 XIII H 59*; *SN30*, p. 31), "tentada" no exórdio da segunda parte do *De constantia* mediante o empenho das dimensões da *ratio* eterna e da linguagem jurídica (LOMONACO; 2018, p. 102-103).

Considerações finais

Indo na contramão de filósofos racionalistas como Descartes e Malebranche, que não compactuavam com os estudos filológicos,

como consta no *Discurso do Método*⁸, Vico acreditava num equilíbrio entre estes dois saberes, tendo no *De const.* a inauguração da ideia da filologia como uma ciência, e na *Sn*, sendo um modo de encontrar os princípios da natureza civil dos homens.

[...] De fato, as leis dos códices divinos, que nos foram transmitidos por escrito, foram concebidos, concretamente as do Antigo Testamento em língua grega; e em latim as leis *Corpus iuris Iustinianei*, que os *Basilici* e de outros livros gregos sobre o direito oriental recebem grande luz: a teologia e a jurisprudência se assentam em uma boa e grande parte no conhecimento destas línguas; os intérpretes nos contam em absoluto com o crédito dos autores (*De const.*; p. 258).

Para concluir, o filósofo napolitano nos chama a atenção para o estudo filológico de forma que os doutos seguissem o exemplo de Platão no *Crátilo*, assim como Vico seguiu o exemplo e trabalhou no *De antiquissima*⁹, de buscar a conciliação da filologia (etimologia/linguagem) aos princípios da filosofia, procurando estabelecer um *verum* e *certum* na dinâmica dos princípios humanos. Esta é a razão de o porquê do filósofo colocar os trabalhos de filósofos como, Scaligero, Sanchez e Schopp por conter alguns equívocos acerca das origens da língua latina, e nesse sentido, perceber que proposições assim filológicas, mereciam o caráter

⁸ Cf. DESCARTES; 1996. p. 10 –11.

⁹ Cf. *De ant.*; 2013. pp. 3-11.

crítico da filosofia, para um melhor resultado argumentativo, ou seja, consolidá-la cientificamente¹⁰.

Referências Bibliográficas

Obras de Vico

VICO, Giambattista. *Principi di una Scienza Nuova* (1725). In: *Opere Filosofiche* – Introduzione di Nicola Badaloni; Testi, versi e note a cura di Paolo Cristofolini; Firenze: Sansoni editore, 1971.

_____. Aditamento feito por Vico à sua autobiografia (1731). in: *Vida escrita por si mesmo*. Tradução, introdução e notas por Ana Cláudia Santos. Lisboa: Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 2017 – p. 194 -195.

_____. *De antiquissima italarum sapientia*. In: *Quaderni di Logos — Con gli Articoli del "Giornale de'Letterati d'Italia" e le "Risposte del Vico"*; a cura e con introduzione di Fabrizio Lomonaco; postfazione di Claudia Megale; Napoli: Diogene Edizione, 2013. pp. 3-11.

_____. *Del Método de Estudos de Nuestro Tiempo*; Tradução do latim por Francisco J. Navarro Gomez. Sevilha: Cuadernos sobre Vico vol. 9-10, 1998 – p. 408.

¹⁰ⁿ [...] Por isso nós decidimos – com uma ousadia se não já feliz, certamente pia – dissertar neste livro sobre os princípios da humanidade, cujo estudo é a filologia, partindo dos argumentos necessários tomados da natureza do homem corrupto, e ponderar assim a filologia conforme a uma norma científica" (*De const.*; p. 259).

_____. *El Derecho Universal*. In: *Obras III*; Traducion del latín y notas de Francisco J. Navarro Gomez — Rubi (Barcelona): Anthropos Editorial; México: Universidad Autónoma Metropolitana — Iztapalapa, 2009.

_____. *Princípio de uma ciência nova: Acerca da natureza comum das nações*; Tradução de Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Editora Fundação Calouste Gulbenkian. 2005.

_____. *Sobre la mente heroica*. Tradução do latim por Francisco J. Navarro Gomez. Cuadernos sobre Vico vol. 7-8. Sevilha; 1997.

Outras obras

ARISTÓTELES; Poética. In: *Aristóteles — Vida e Obra*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004 – p. 61

BATTISTINI; Andrea. Vico y Los Heroes fundadores de las Naciones. In: *Cuadernos sobre Vico – Volumen especial por el XXV Aniversario de la Revista*; Miguel A. Pastor Pérez y José M. Sevilla Fernández (Eds.). Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 2017. pp. 71-86.

CAIANIELLO, Silvia. *Filologia ed epoca in Vico*. In: *Vico nella Storia della Filologia* – a cura di Silvia Caianiello e Amadeu Viana; Napoli: Alfredo Guida Editore, 2003.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira – São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 10-11.

GRIMAL; Pierre. *História de Roma*; tradução de Maria Leonor Loureiro – 1º ed – São Paulo: Editora UNESP, 2011.

LOMONACO; Fabrizio. *Estudos sobre o Diritto Universale de Vico*. Tradução de Sertório Amorim e Silva Neto; Campinas (SP): Editora Phi, 2018.

SIN-LÉQI-UNNÍNNI; *Ele que o abismo viu: epopeia de Gilgamesh*; tradução do acádio, introdução e comentários de Jacyntho Lins Brandão. – 1º ed; 5º reimpressão – Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

Data de registro: 04/06/2021

Data de aceite: 01/09/2021